

O Reino de Deus é uma Pessoa: nela é anunciado, vivido e plenificado - Lc. 4”.

Quem sou eu (?), o que faço aqui (?) e para quê (?), são interrogações comuns que, dia-a-dia, nos pomos a nós próprios, uns de forma mais angustiada e sentida, outros, quiçá, de forma mais fugaz, esquivando-se à aspereza da interrogação.

Buscar respostas pode representar, no que de mais profundo há em nós, a chave da compreensão da razão de ser, do sentido de vida, na interpretação de que a vida se apresenta como estrada que percorremos, ora atentos, ora adormecidos, aqui e ali salpicadas de curvas sinuosas, troços mais largos ou estreitos, quantas vezes tão apertados e ásperos que a passagem se torna deveras difícil, qual “casulo” que estrangula e dificulta a libertação da borboleta que, sem essa prova de esforço e sacrifício, não ganharia asas suficientemente robustas que lhe permitam executar o desígnio de voar, voar, voar na infinitude do espaço em liberdade total. Como é belo vê-las andar de flor em flor, beijando as suas pétalas, perfumando os seus pés e as suas asas de cores garridas e tão variadas!... Nós, homens, à semelhança do verme que se torna borboleta, só vencendo as dificuldades e os sacrifícios, começados à nascença, com a saída do seio materno, poderemos encetar livremente a nossa caminhada na estrada da vida, vencendo tormentas e tempestades, sofrimentos, obstáculos, humilhações, dúvidas, desalentos, desesperos, saudades e ausências, na senda da descoberta do Graal da felicidade, alegria e paz, numa misteriosa relação com Deus, ainda que omitido e banido, e numa turbulenta relação inter-individual com aqueles que vivem e caminham connosco. Deus tem assento ou lugar nesse tempo e espaço?

A realidade do mundo, da terra (da terra onde vivemos), que acolhe o nosso corpo dual, feito de matéria e espírito, acolhe-nos como realidade que somos: simples “gota de água” no oceano da sábia criação de Deus que tudo criou e cria por amor, amor inexorável que nunca se consome, nem se extingue.

Deus criou-nos como filhos, daí que digamos, e bem, que é nosso Pai. E, como Pai, à semelhança do que acontece com quem nos deu carnalmente a vida, não nos munuiu de um tabuleiro de soluções pré-construídas que anulasse a nossa liberdade e vontade, que impedisse a manifestação e desenvolvimento das nossas capacidades cognitivas e criativas, o nosso evoluir existencial, pois, de outro modo, seríamos meros “robots”, autómatos, peças manipuladas de uma construção que não nos pertence, nem seria feita por nós.

O amor, profundo e puro, supõe o respeito pela liberdade e vontade.

Criando por amor, Deus deu-nos vontade e liberdade. O amor manifesta-se no respeito, por isso, nos deixa seguir os caminhos da vida, cruzando os nossos passos com Ele presente ao nosso lado, dentro de nós, ou sacudindo-o e ignorando-o, mas, mesmo aí, o amor persiste (porque é eterno), é expectante e paciente, estando pronto a fazer-se bem presente logo que se acenda a voz do desejo. De forma simples: Deus nunca abandona os seus filhos por mais tortuosos que sejam os seus caminhos e por mais manchados e negros que sejam os seus actos. Deus é misericordioso e esquece facilmente as nossas falhas.

Neste processo criador, Deus amou-nos de tal modo que quis assumir a nossa condição humana, trazendo a viver no meio de nós, feito de carne e osso, o seu filho Jesus Cristo, judeu de raça, filho de uma mulher bem conhecida “MARIA”, a qual, de tão jovem, viveu a angústia de um mistério que, de imediato, não compreendeu, mas logo assumiu.

CRISTO Homem, como nós, viveu grandes angústias, preocupações, ansiedades, humilhações. Teve até, como nós, crises de identidade quando aplaudido pelas multidões ou escarnecido e desprezado

pelos seus conterrâneos e contemporâneos (“ninguém é reconhecido na sua terra”). Porém, na fidelidade ao amor do Pai, assumiu com especial desassombro a espinhosa missão de reconduzir a humanidade a Deus, arrastando consigo, na execução desse projecto, um “punhado” de homens e mulheres que, simbolizados no discípulo PEDRO, construíram, em parceria com Cristo, a Igreja, interpretada como “comunidade de vida”, orientada e radicada na mesma fonte que é o Eterno Pai. E quem era PEDRO? Um homem como nós, vulgar pescador que não hesita discutir com o Mestre as metodologias da arte da pesca. Homem, como nós, de contradições. Homem de aparente violência que puxa da espada e corta a orelha de quem se aproxima e quer fazer mal a Cristo. Homem repreendido. Homem que, para salvar a “pele”, nega por três vezes (também nós facilmente o faríamos) ser conhecido, discípulo e seguidor de Cristo.

Mas, em rebate de consciência, quando se interroga sobre o sentido dos seus actos, cai no fundo de si mesmo e, vendo os erros em que lavrara, se arrebatava de arrependimento e chora a sua fragilidade, acolhendo o amor que Cristo, Filho de Deus, lhe trouxe para sua plena libertação, encetando vida nova, a vida - “caminho” que Deus faz com o homem, com cada um de nós, para que nos incorporamos em Deus nos desígnios de plenitude e eternidade que firmou para nós no acto da criação.

Neste processo da dádiva do Filho Jesus, Deus manifestou a sua glória e, por tal dádiva, instituiu o seu reino no meio de nós, aqui mesmo, na terra que nos destinou, no mundo em que vivemos emparceirados e em comunhão, uns com outros, reino esse que é PESSOA, a pessoa de JESUS CRISTO, reino que em nós começa pelo baptismo onde recebemos uma vida nova, que nos dá luz, que nos traz uma nova realidade, que nos projecta na Trindade, em estreita intimidade com DEUS PAI, FILHO e ESPÍRITO SANTO.

O baptismo, como fonte dessa vida nova, predestina-nos à comunhão na eternidade, em íntima vivência com DEUS que nos não rejeita pelos defeitos, nem pelo mal que fazemos, tal é a extensão e alcance do seu amor e misericórdia que, por eternos, são inalteráveis.

O amor de Deus é mais forte que as nossas faltas.

Ele vive em nós. Está presente em nós. Acompanha-nos nas dificuldades, angústias e sofrimentos, ainda que o não pensemos, nem queiramos, e faz-se tanto mais presente quanto maior for a nossa simplicidade, pois, cresce da grandeza para a humildade.

Viventes, caminhamos na terra completando com Cristo o caminho da eternidade. Se caímos; se, pela fragilidade humana, cometemos erros e asneiras contra quem nos criou e contra aqueles que seguem ao nosso lado, então o amor e a misericórdia de Deus tudo perdoa porque, amando, não guarda raiva, nem rancor, esperando de nós a manifestação do arrependimento de Pedro, o mergulhar nas profundezas do nosso interior, do nosso coração, auscultando a sua voz, a manifestação da sua palavra, de quanto nos ensinou e transmitiu através dos Profetas e do seu próprio Filho Jesus Cristo.

O espírito de Deus está sobre nós, como esteve sobre o Filho Jesus quando este, na sinagoga, lia a palavra de Deus manifestada através do Profeta Isaías.

Neste desígnio salvífico, de encontro e caminhada solidária de Deus com os homens, Deus Pai quis servir-se de nós, quer que completemos com Ele a missão confiada pelo Filho Jesus, para o que nos dá problemas e sofrimentos para resolver, pessoas necessitadas para ajudar, enigmas para que desenvolvamos o conhecimento e a razão, preocupações existenciais para que saibamos encontrar Deus no mistério que nos completa e redescobrir a amizade de Cristo que é sempre o mesmo de

hoje, ontem e amanhã, Cristo presente no mistério de Deus, da nossa vida e da realidade humana. O reencontro não é difícil. Basta parar, reflectir e amar. Se pedirmos luz, logo a receberemos.

Terminamos com a oportuna reflexão do pensador espanhol Inácio Laranhaga:

PARAR

*Senhor, nesta hora da vida eu gostaria de parar.
Para quê tanta agitação? Para quê tanto frenesim?*

*Eu já não sei parar.
Eu já não sei rezar.*

*Fecho agora os meus olhos.
Quero falar contigo, Senhor.*

*Quero abrir-me ao teu mundo.
Mas os meus olhos não querem ficar fechados*

*Sinto uma agitação frenética no meu corpo,
Que corre, que anda, que se agita.*

Nesta hora da vida eu gostaria de parar...

*Para quê tanta corrida? Para quê tanta agitação?
Eu não consigo fazer aquilo que me parece importante.*

*Eu sou apenas uma gota de água no imenso oceano
Da tua maravilhosa criação.*

*O que é verdadeiramente importante, É buscar a Tua face bendita.
O que é verdadeiramente importante, É tentar dizer que Tu és a Grandeza, a Beleza,
A Magnificência, o Amor.*

*O que urge fazer é deixar que Tu fales dentro de mim,
E viver na profundidade das coisas*

*E no contínuo esforço De Te buscar,
No silêncio do Teu mistério.
O meu coração continua a bater, mas é um bater diferente.
Estou simplesmente diante de Ti Senhor.*

*E como é bom parar diante de Ti.
(I. Laranhaga)*

António Agostinho